

**O FUTURO APOCALÍPICO EM *O ÚLTIMO HOMEM*: A LITERATURA PROFÉTICA DE MARY SHELLEY
*THE APOCALYPTIC FUTURE IN “THE LAST MAN”:
MARY SHELLEY’S PROPHETIC LITERATURE***

Alessandro Yuri ALEGRETTE¹

SHELLEY, M. **O último homem**. Tradução de Marcella Furtado. São Paulo: Landmark, 2007. 494 p.

O último homem, escrito em 1826, oito anos após o surgimento de *Frankenstein*, romance que deu à Mary Shelley projeção internacional, foi publicado pela primeira vez no Brasil em 2007, duzentos anos após seu nascimento. Segundo o jornalista e escritor Jeremias Moranu, trata-se da edição mais recente da obra, também em sua língua original, editada pela última vez no ano de 1998, pela Oxford University Press.

No prefácio, a autora comenta que a inspiração para escrevê-lo surgiu em uma viagem à Itália, durante uma expedição a uma caverna que em tempos remotos tinha sido habitada pela sibila de Cumas. Neste local, ela teve acesso a uma de suas profecias, escrita em uma folha de árvore de cortiça, que previa um futuro trágico para o planeta Terra.

Se isso realmente aconteceu ou foi apenas um recurso utilizado para atrair a atenção dos leitores, conforme afirmam alguns estudiosos sobre o famoso episódio da aposta – um desafio proposto por Lord Byron, um dos expoentes do Romantismo britânico, envolvendo a própria Shelley e seu marido o poeta Percy Shelley, que consistia na criação da “mais arrepiante estória de terror” já escrita, a qual ela venceu, e que teria dado origem à trama de sua obra mais famosa – é um mistério que permanece sem solução.

A verdade é que ambas as obras influenciaram autores de diferentes gerações, e apesar de terem sido publicadas há mais de cem anos tornaram-se uma referência para a ficção científica e a literatura de Horror.

Cheio de citações que remetem a autores clássicos da Literatura ocidental, a poetas românticos e aos mitos gregos, *O último homem* é narrado do ponto de

¹ Mestrando em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – alessandroyuri@bol.com.br

vista de Lionel Varney, filho de um nobre inglês lançado à miséria por uma intriga da Rainha. Revoltado com sua condição social, ele encontra em Adrian, herdeiro do trono, o alvo de sua vingança. Ocorre uma surpreendente reviravolta quando o príncipe, após ser atacado e insultado por Lionel, além de restituir-lhe o título de nobreza inicia-o no mundo da cultura, representado no enredo pela Antiguidade Clássica e pela filosofia.

Como havia feito em sua obra mais conhecida, Shelley apóia-se nas teorias filosóficas de Jean-Jacques Rousseau, embora desta vez, não demonstre a intenção de atestá-las, mas de subvertê-las. Varney que é agressivo e misantropo como um selvagem, se transforma em um homem amável e altruísta ao tomar contato com a sociedade e compartilhar dos ideais políticos de Adrian. O desenvolvimento científico um de seus temas preferidos está representado no enredo na figura das máquinas que dão conta das necessidades humanas, e do balão dirigível usado como um dos principais meios de transporte, que de certa forma, antecipou o surgimento do avião com a mesma finalidade séculos depois.

É justamente o aspecto profético a pedra do toque do romance e impediu que este se tornasse anacrônico com a passagem do tempo. No enredo, que se passa no final do século XXI, a Inglaterra não é mais governada pela monarquia, mas por um sistema democrático, que em sua estrutura se assemelha à república.

Na segunda parte, a ação se concentra em um conflito armado, que antecede o surgimento do choque entre o mundo cristão e mulçumano. Durante a ocupação da cidade de Istambul, Raymond, chefe de Estado – personagem inspirado em Lord Byron, que conviveu intimamente com o casal Shelley durante o período em que eles moraram na Suíça – liberta uma praga mortal que se espalha por todos os cantos do mundo.

Neste trecho, é possível encontrar pontos de semelhanças entre *O último homem* e *Frankenstein*. O aventureiro, da mesma maneira que o cientista, comete um ato transgressivo, e como consequência disso ocorre um desequilíbrio nas leis da natureza que implicará na destruição de toda a humanidade. A partir daí, desencadeia-se uma sucessão de acontecimentos trágicos, uma característica que ressalta o aspecto mítico da narrativa. As ruas desertas aos poucos se transformam em pequenas selvas e surgem seitas messiânicas que incitam a violência entre os membros da população. A proliferação da praga provoca uma guerra entre as nações mais poderosas pela disputa de territórios.

Estas descrições imaginadas pela autora encontrariam mais tarde no mundo real seu equivalente nas Guerras Mundiais e doenças epidêmicas que exterminaram a vida de milhões de pessoas. O elemento sobrenatural é destacado no enredo quando Varney, de maneira inexplicável, consegue sobreviver à misteriosa enfermidade que se manifesta sob forma de uma forte febre. A dádiva da vida se converte

em maldição, uma vez que ele passa a presenciar de perto a morte de seus entes queridos, fato este que encontra ressonância na vida da própria autora.

Depois de testemunhar o fracasso da tentativa de Adrian de conduzir os sobreviventes para um lugar idílico, ele inicia uma viagem sem rumo que o levará até a Roma. Em meio às ruínas do Antigo Império, Lionel compreende que apesar de todo o conhecimento acumulado há milhões de anos, a civilização está condenada a desaparecer. O romance encerra-se de maneira “aberta” e melancólica com uma menção à obra do poeta grego Homero. No entanto, neste caso, a jornada do protagonista não conduz à sua terra natal e sim a um destino desconhecido, que pode significar a extinção do último espécime da raça humana, de todos os desastres, o pior previsto na ficção de Mary Shelley.

■ ■ ■